

Arte, um segundo balanço

Na quarta bienal de Berlim o Daniel praticou novamente o hipshot. O resultado é as lomos presentes (a verdade é que a sua LC-A entregou a alma a Deus há pouco e que o embaixador aposentado – absolutamente mantendo estilo – mudou para uma Rolei; então nesse volumezinho se trata mais exatamente de Roleimos) e a Leone escreveu fragmentos de textos. O Daniel me convidou para compor um prefácio virtual para esse material. Com isso, ele está ligando num projeto que nós realizamos em 2000. Na época, o Daniel lomoficou o meu relato de Infoguide na Art Unlimited. Nós produzimos esse livrinho numa edição minúscula e o demos como presente para os nossos amigos. Até hoje, pode ser consultado em www.rauschenbach.ch (só em alemão). Como eu não fui para Berlim, aproveito da carta em branco do Daniel, reescavando os meus pensamentos de seis anos atrás para atualizá-los num balanço intermediário. Antes de tocar no assunto, gostaria de fazer mais dois comentários: um a meu respeito e outro a respeito do texto.

A meu respeito: desde a Art Unlimited, participei dos seguintes projetos de arte:

- *basileae*: uma catalogação de todas as esculturas femininas no espaço público da Basileia, feita no duplo sentido à maneira de um amador (2001, pode ser consultado também no meu site) ;
- *Bettina Eichin*, artista na Basileia: Conversas pormenorizadas para, entre outras coisas, preparar um livro sobre a obra dela (desde 2004);
- *Superflex*, Grupo de artistas dinamarqueses: Colaboração na Supershow, uma exposição na Kunsthalle Basel (2005);
- *Patricia Osses*, artista em São Paulo: Gravações em vídeo das performances “ Vidro e Gelo” e “Cello in rave” no Brasil (2005);
- *Edith Derdyk*; artista em São Paulo: Pre-produção da instalação “:dois pontos:” para a Galeria Marília Marzuk na Bâlelatina 2006.

Na contradição com a minha reivindicação para uma verdadeira site-specificity formulada mais abaixo, o meu texto tem um caráter generalíssimo e não está relacionado com os projetos mencionados. A minha aproximação teórica está ligada à minha ocupação principal. Estou escrevendo esse prefácio nas pausas do trabalho na minha tese de doutorado de Ciências Políticas – cujo tema é: “Moralidade e processos da democracia direta. Considerações baseadas na ética do discurso e na psicologia do desenvolvimento de Jürgen Habermas e Lawrence Kohlberg.” Por causa da natureza da minha tese, ela está colonizando todas as esferas do meu mundo da vida. Por isso estou pairando em campos gravemente abstratos e não tenho outro jeito.

A respeito do texto: Não consegui definir a essência da arte em palavras bonitas, igual à descrição de um riacho serpenteando por matas e pastos. Bem ao contrário, estou apresentando o que o está cortando: rochas, troncos, tampas de esgoto. As minhas teses (em itálicos) estão rudimentarmente estruturadas em três blocos. Descritivo: o que é a arte; Normativo: o que a arte deve ser; Expressivo: como é a arte. Em seguida, trato a questão da localização da arte e deixo culminar tudo num imperativo categórico. As minhas considerações têm o estatuto de um balanço momentâneo. Elas contêm conscientemente contradições, níveis de abstração diferentes e inconsistências nominais, para que essas tensões animem a reflexão, pois réplicas e complementos fazem parte do jogo.

Descritivo: o que é arte

Arte é o que eu estou identificando como arte. Essa definição tautológica pode ser agravada: *Arte é o que está definido sendo arte.* Pergunta consecutiva: Quem tem o poder de definição? *O que que é a arte, está sendo definido pelas galerias, instituições de exposição, patrocinadores, públicos ou particulares e pelas mídias.* Resumindo: *O que é arte, está sendo definido pelo mercado.*

Para isso, um exame subversivo da contemplação utilitária de arte:

Qui bono? Como os benefícios pessoais são declarados publicamente ao longo da cadeia da produção de riqueza?

Tanto mais as respostas para essas perguntas estão destruindo o romantismo, tanto mais provável é que não se trata de arte.

Normativo: o que a arte deve ser

Arte é paz – paz é arte. Para mim, paz não é um estado estável e final, mas ação vivíssima para desenvolver novas sensações e considerações a respeito de todas as questões humanas. De um lado, estou engrandecendo o arsenal de expressões artísticas possíveis para o infinito, de outro estou ampliando o nível de exigência, pedindo contribuições pacíficas sustentáveis. Com isso, quero poder vestir também outros com a capa de proteção moralista, sabendo que os artistas clássicos muitas vezes o estão explicitamente negando, mas implicitamente solicitando. Esse pensamento permite uma nova interpretação da frase de Joseph Beuys:

Todos os seres humanos são artistas. Enquanto Beuys está visando o potencial criativo de cada um, penso em primeiro lugar no dever normativo de todas as pessoas, de contribuir ativamente para a paz – dali mesmo também com arte. Em segundo lugar, penso no potencial criativo da arte que permite cada pessoa perceber o seu mundo e si mesmo em ângulos ainda não determinados. Em terceiro lugar, penso no potencial positivo de identificação que a arte representa para todos.

A respeito da percepção compreensiva do mundo, criticamente:

Na luz da diferenciação contínua e da globalização, estamos definitivamente exigindo demais do ser humano que está querendo entender o seu mundo.

Mesmo assim, ele tenta entender, afinal não tem outro jeito.

Para simplificar, todos, também os artistas, escolhem a posição do turista.

Como consequência, *Hoje em dia, arte é produzida cada vez mais em condições turísticas.* Pensamos só nos programas de intercâmbio de ateliês, o jeito jet-set dos artistas famosos, a cobrança dos museus pelo marketing das cidades e em consequência a consumação de arte, principalmente nas viagens e não em casa.

Todos os círculos se fecham: *São principalmente turistas que produzem e consomem arte.*

A respeito do potencial identificador de arte:

Todos os seres humanos precisam individualizar-se. Além dos recursos clássicos de identificação como idade, sexo, origem social, orientação política e religiosa etc., a arte pode ser um veículo para identificação. Seja por causa da diferenciação social contínua ou simplesmente por causa do fato que os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres:

Arte é a produção de códigos que permitem a criação e conservação de elites com atitudes estéticas específicas.

Expressivo: como a arte é

Arte é a expressão estética de um ser humano reclamando sinceridade. Sinceridade é baseada em coerência de palavras e atos ou por confirmação de terceiros. Nesse sentido, a arte está se privando das classificações verdadeiro/falso (descritivo) e certo/errado (normativo). Mas a arte deve ser considerada também nessas categorias. Esta é a tarefa da crítica e da ciência respectivamente, e do observador individual. Afinal, a harmonia se alcança num acorde, quer dizer, o sentido está produzido só quando o trítone do descritivo, do normativo e do expressivo está em uníssono.

Para isso, o artista pode contribuir ativamente: *O sentido da arte se calcula com a força da expressão menos a necessidade de explicação.* Muitas vezes, acontece o contrário:

Uma divisão de papéis rígida é estabelecida entre o artista e a crítica. Gostaria de declarar os resultados desse processo de alienação como cômica não intencional, mas que são provas e origem de confusões babilônicas.

A situação da crítica: *Tem muito mais arte do que crítica*. Não sei dizer se antigamente, os jornais gastavam mais tinta sobre arte. Só me parece que hoje há muito mais artistas e por isso muitos deles nunca aparecem na tela do radar da crítica. Além disso: *Muitas vezes, os próprios críticos tomam atitude de artistas e com isso estão levando a própria profissão ao absurdo. Mais retidão seria um alívio*.

Parece que as artes não estão descendo da torre de marfim, ou descem só para participar no *overkill*: o arsenal de catálogos ilustrados, audioguídes, visitas monitoradas, crianças-explicam-para-crianças, tem um jeito quase orwelliano. Onde fica a observação individual e independente, se tudo está servido na bandeja?

Exigência de formação geral: realmente nada original e há séculos antiquado. Cada geração tem que se encontrar novamente. Como isto pode acontecer, é um mistério para mim, numa época em qual cada jornal não só tem a própria ortografia, mas também está proclamando o próprio cânone de literatura. Tanto as crianças, cada vez menos socializadas, como os adultos devem ser atingidos nas suas realidades. Como criar acessos à arte para os migrantes vivendo em crises de identidade virulentas?

Mais uma vez a respeito da *sinceridade*: Muitos artistas estão aplicando durante anos o truque da repetição e variação, sabendo que a continuidade gera automaticamente sinceridade. E a sinceridade é – veja acima – a especialidade do expressivo. A crítica direta pode ser evitada facilmente renunciando a qualquer comentário verbal a respeito da própria arte e dos próprios motivos. Esse tipo de comportamento não só dificulta ou impossibilita um discurso sobre a obra, mas promove perturbações na personalidade do artista.

A respeito da questão da localização da arte

Arte deve ser colocada no espaço público. Estar no lugar onde todas as racionalidades estão se embatendo fisicamente. Os conflitos são duros, mas no resultado honestos. Uma das minhas perguntas é como visualizar esses processos históricos e como preservá-los para a posteridade, tanto mais porque o espaço público muitas vezes fica vazio justamente onde as lutas são mais veementes, enquanto que nas calmarias intelectuais, as expressões artísticas unidimensionais estão pipocando.

Sugiro mais intervenções temporárias no espaço público, com ligações refletidas e fortes com outras instituições. Mas isso não deve acabar num totalitarismo artístico :

Por favor, não aponte o indicador exigindo arte em todos os cantos!

Para terminar, o imperativo categórico:

Coragem para produzir balanços artísticos no aqui-agora; ou em inglês : site-specificity é obrigatória! Não estou falando da referência banal nas condições arquitetônicas do lugar de exposição. Estou me referindo a um estudo produtivo da realidade social em questão. Isto significa muito trabalho – não só com si próprio – como também inclui uma pós-produção. Insisto no mote de Voltaire:

Cela est bien dit, répondit Candide, mais il faut cultiver notre jardin.

Não é preciso que seja sempre aveia, couve e rosas.

PS: Considerando tudo isso: o que é música?

Agradeço a Simone Maia da Silva, Ana Terra Capobianco e Eduardo May Zaidan pela grande ajuda na tradução.